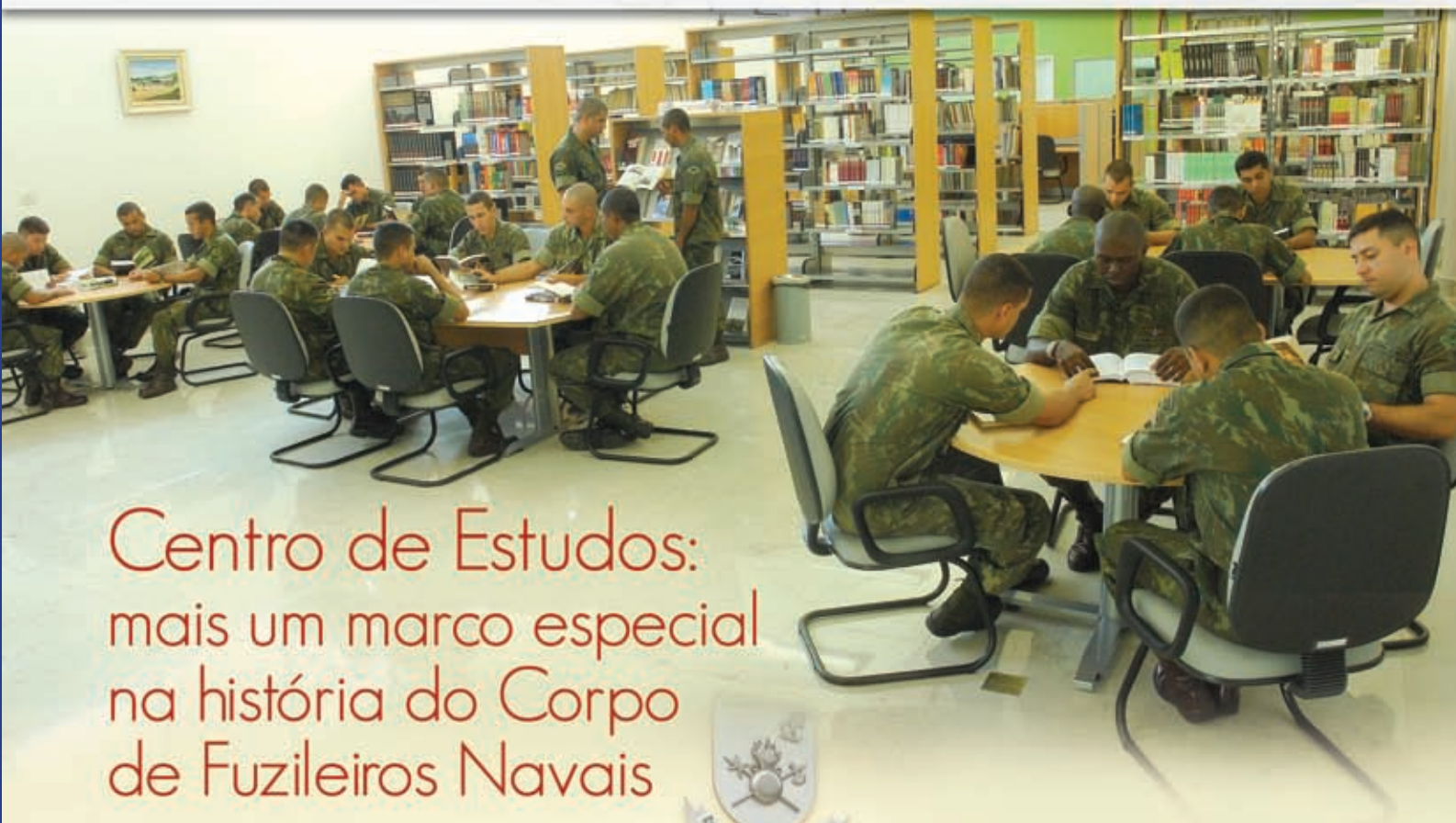
Âncoras e Fuzis

Corpo de Fuzileiros Navais

Ano VIII - Nº 38 • 30 de junho de 2009 • Nº 02 publicada pelo CIASC



Centro de Estudos: mais um marco especial na história do Corpo de Fuzileiros Navais

A POUPEX ABRE AS PORTAS DA CASA PRÓPRIA PARA VOCÊ.

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

Financiamento Imobiliário

POUPEX

Faça já o seu

0800 61 3040

www.casapropriapoupex.com.br

POSTO DE ATENDIMENTO DA FHE NA FREGUESIA - ILHA DO GOVERNADOR-RJ - PSTFR

Est. Quilombo, s/nº - CNIG/CIASC - Freguesia - Ilha do Governador - 21911-016
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 3386.0335 - Fax (21) 3386.0338

POUPEX Associação de Poupança e Empréstimo

poupex.com.br

Palavras do Comandante do CIASC

"O acaso não existe" – para que qualquer empreendimento obtenha sucesso, é imprescindível o esforço próprio de seu idealizador que, com certeza, congrega e administra valores cuja base encontra-se em alguma rede de relações.

Dentre as muitas que permeiam a existência humana, há uma que é completa e norteadora de nossas escolhas, a responsável pela complexa formação integral do ser humano, que compreende os campos moral, psicológico, sentimental, intelectual e profissional: a familiar. E é por ela que o ser humano é estimulado ao aprimoramento, à superação de obstáculos, à conquista de pequenas grandes vitórias... Enfim, ao progresso – individual e coletivo.

O CIASC, parte de outra considerável rede de relações, promove, com responsabilidade, a formação transformacional de seus militares fuzileiros - homens e mulheres, proporcionando-lhes a ampliação ou a mudança de perspectiva, para melhor, dos valores morais e intelectuais já adquiridos pelo indivíduo, ou seja, o CIASC é palco da atualização e da renovação (aliás, palavras-chave para a excelência do processo de evolução) e mantém a atenção na formação militar sem restringi-la a currículos, provas e notas, mas ao crescimento pessoal, familiar.

Na atualidade, momento em que se observam degradações de ordem sócio-moral-emocional, o CIASC oferece meios a seus militares para que eles galguem novas oportunidades de melhoria, seja por meio do status (promoções e condecorações), do plano de carreira (soldos melhores a cada promoção) ou de viagens extremamente significativas em termos de aprendizado e de aquisição cultural – A família cresce e o CFN cresce junto.

Alexandre José Barreto de Mattos
Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC

Se o CIASC estiver bem, o CFN também estará bem.

Editorial

Desde que a Revista Âncoras e Fuzis passou à responsabilidade do CIASC, diversas foram as colaborações recebidas, abrangendo material interessante e diversificado para publicação. Sem esse tipo de contribuição, não seria possível levar adiante um projeto tão rico em conteúdo e que depende, a cada edição, de novos trabalhos e idéias que permitam levar conhecimento de interesse profissional a nossos militares. Seja apresentando artigos de cunho militar, artigos pedagógicos, ou propondo desafios por meio das situações apresentadas no "Decida", nossa revista tem conquistado cada vez mais espaço junto ao público-alvo.

Mas isso não é um trabalho de uma pessoa só, e muito menos de uma pequena equipe. A Revista Âncoras e Fuzis é o resultado do esforço de todos aqueles que, nos mais diversos escalões da MB, predispõem-se a colaborar durante cada etapa de sua confecção, seja enviando artigos, seja participando do processo de revisão do material.

Após a divulgação do número 37, diversos elogios foram recebidos a respeito das matérias disponibilizadas pelo periódico. Tudo isso fruto de colaborações interna e externa ao CIASC, por parte de Oficiais e Praças que desejaram partilhar com os demais militares algum tipo de conhecimento de seu domínio.

Dessa forma, a Equipe de Produção da revista agradece e se orgulha da contribuição de nossos diversos colaboradores pelo inestimável valor de seus trabalhos, esperando que se mantenha acesa a chama do espírito de participação junto ao nosso periódico.

ADSUMUS!

Marcio Pragana Patriota
Capitão-de-Corveta (FN)
Editor Adjunto

Expediente

Distribuição Gratuita

Ano VIII – Número 38 – 2009

Número II publicada pelo CIASC
Publicação semestral do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo
Situado no Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG)
Rua Magno Martins s/n° - Bancários – Ilha do Governador
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 21911-430

Alvaro Augusto Dias Monteiro
Almirante-de-Esquadra (FN)
Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais

Marco Antonio Corrêa Guimarães
Vice-Almirante (FN)
Comandante do Pessoal de Fuzileiros Navais

Alexandre José Barreto de Mattos
Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC

Marcelo Ribeiro de Figueiredo
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)
Imediato do CIASC

Jaime Florêncio de Assis Filho
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN-RM1)
Centro de Estudos do CFN

Editor-Chefe
Reinaldo Kireeff Covo
Capitão-de-Fragata (FN)

Editor-Adjunto
Marcio Pragana Patriota
Capitão-de-Corveta (FN)

Ajudante de Edição
Cintia Sanguinetti Guimarães
GM (T-RM2)

Revisão Ortográfica
1T (T-RM2) Luciana Aparecida Mendel
1T (T-RM2) Barbara Poubel dos Santos
1T (T-RM2) Jaqueline Vanessa Barbosa Melo
1T (T-RM2) Eliane dos Santos Braga Sayão

Revisão Bibliográfica
1T (T-RM2) Marcela Barcellos Araujo
GM (T-RM2) Flávia Costa de Jesus Pereira Baptista

Colaboradores
CF (FN) Alberto Rodrigues Mesquita Júnior
CC (FN) Cláudio Vicente Issa Vieira
CT (FN) Carlos Alexandre de Albuquerque Jannechevitz
CT (FN) Salvador Mota Júnior

Sumário

Palavras do Comandante do CIASC 03

Editorial 04

Sumário 05

Operações militares em áreas urbanas 06

Contribuição ao desempenho do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais HAITI com a incorporação das viaturas PIRANHA 10

Lições aprendidas pelo 9º Contingente do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais HAITI 15

Os direitos humanos, os militares e as operações de paz 20

Missão das Nações Unidas para o referendo do Saara Ocidental 23

Peace Support Training Centre 27

As Forças de Operações Especiais na atualidade: o desafio das novas ameaças 30

A evolução do conhecimento profissional do oficial subalterno na prática diária do Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais 33

Operações Distribuídas parte II – Treinando o homem e transformando a Força 34

Resenha do livro "Unrestricted Warfare" 39

A importância da prática de combate corpo-a-corpo no CFN 43

A evolução do processo de ensino-aprendizagem no CAOCFN 43

A linguagem, a comunicação e o texto 44

O Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais 46

As contribuições de Bachelard para a educação 47

A perspectiva sócio-interacionista para a aprendizagem 49

Entrevista: Vice-Almirante (Refº) Roberto Mário Monnerat 50

Corpo de Fuzileiros Navais investe no aprimoramento da liderança 54

Alunos do CAOCFN participam do IV Simpósio Internacional de Logística Militar 55

1º Jornada de Operações de Paz 55

Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais realiza Seminário "Israel-Hamas" 56

CIASC recebe primeira turma do Colégio Naval que tem como patrono um Fuzileiro Naval 56

Meio ambiente em linguagem clara & simples 58

Decida nº 37 59

Decida nº 38 60

Decida nº 39 61

Pense 62

CF (FN) Adriano Lauro

Operações militares em áreas urbanas

Introdução

A revista "*Population et sociétés*", do Instituto Nacional de Estudos Demográficos Francês (INED), citando dados da Organização das Nações Unidas (ONU), relata que em 1900 apenas 10% da população mundial vivia em cidades. Essa proporção saltou para 30% em 1950 e, atualmente, ultrapassou os 50%. Estima-se que até 2030 esse número atingirá a marca de 60%. Segundo estudos recentes, a proporção da população urbana continuará a crescer até estabilizar-se em um patamar entre 80 e 90% da população mundial.

Com base nos dados apresentados, depreende-se que, com a expansão da urbanização no mundo, as guerras também tenderão a ocorrer com mais freqüência nesse tipo de ambiente. MOGADÍSCIO (Somália - 1992 e 1993), GROSNY (Chechênia - 1998 e 1999), JENIN (Palestina - 2002), BAGDÁ, BASRA, NAJAF, NASSIRIYA, FALLUJAH (Iraque - 2003 e 2004) e FAIXA DE GAZA (Palestina - 2009) são exemplos típicos de guerras em cenários urbanos nas últimas duas décadas.

À medida que o ambiente operacional do Teatro de Guerra é urbanizado, os meios empregados nos conflitos, a divulgação feita pela mídia e a pressão mundial para evitar esses conflitos também se modificam, principalmente quando a população civil é afetada diretamente. Vivemos, então, um período de rápida transição em que Forças flexíveis e versáteis que se adaptem tempestivamente a esse tipo de ambiente e seus fatores condicionantes poderão obter consideráveis vantagens para a consecução de seus objetivos.

O ambiente do combate urbano

O Corpo de Fuzileiros Navais está atento a essas transformações e, por isso, dedica considerável importância a esse tipo de combate. Considerando-se a revolução tecnológica em andamento, as táticas, técnicas e os procedimentos utilizados no combate urbano devem ser aperfeiçoados e explorados em todas as suas dimensões, a fim de aumentar a eficácia do combatente nesse tipo de cenário.

Sob a égide da Garantia da Lei e da Ordem (GLO), nossas participações nas Operações RIO I e II, GUANABARA e ELEIÇÕES 2008 contribuíram para que nossa doutrina voltasse sua atenção para esse tipo de ambiente. De forma semelhante e com mais intensidade, as lições aprendidas pelos nossos Fuzileiros Navais na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) estão revolucionando nossa doutrina, permitindo que novas táticas, técnicas e novos procedimentos operacionais específicos para emprego em ambiente urbano sejam desenvolvidos, adotados e disseminados.

Entretanto, os fatores condicionantes da guerra conduzida em ambiente urbano vão muito além das ações desenvolvidas no Haiti ou em operações de GLO realizadas em nosso país. As dificuldades enfrentadas pelo combatente nesse tipo de ambiente são muito mais complexas. Na guerra convencional, declarada ou não, onde uma facção atua como Força Armada regular contra outra facção, também Força Armada regular ou não, mas com disponibilidade de armas para o apoio de fogo, evita-se combater em cidades devido à alta complexidade desse tipo de luta. O elevado número de baixas e o desgaste da tropa corroboram para que somente objetivos muito compensadores justifiquem operações em cidades.

Enquanto o Direito Internacional para os Conflitos Armados (DICA) regula os combates ocorridos em guerras, os enfrentamentos ocorridos em um país cujos poderes constituídos vigoram são regulados pelas leis daquele país. No primeiro caso, o Direito da Guerra tem por objetivo evitar sofrimento desnecessário e, por isso, não garante aos cidadãos diversos direitos estabelecidos em tempos de paz. Já em um país onde as leis locais possuem instituições capazes de garanti-las, pretende-se, a todo custo, preservar a segurança e o bem-estar da população. Essa é uma diferença fundamental que jamais poderá ser esquecida em nossos adestramentos.

Considerando-se as peculiaridades do arcabouço jurídico, a diferença da preparação de tropas para essas missões deve ser explorada com atenção, devido ao risco de não se ter o militar adestrado para o tipo de situação que deverá encontrar. Nos enfrentamentos em que o primordial é a segurança da população, diversos procedimentos são adotados para preservá-la. Nos casos de combate em ambiente urbano, apesar dos princípios da distinção, limitação, proporcionalidade e humanidade, a utilização do princípio do objetivo militar (ou a necessidade) poderá justificar a ocorrência de vítimas civis sem prejuízo das leis da guerra. Logicamente, apesar do amparo legal, com a mídia explorando e transmitindo a evolução dos fatos em tempo real, a opinião pública mundial se oporá, cada vez mais, a esses tipos de baixas, gerando fortes pressões sobre quem as provoca.

Resta uma observação a respeito da exploração da população civil nesses enfrentamentos: no DICA, fica bem definido que quem utiliza a população, lugares sagrados e/ou hospitais como escudo, comete o crime de perfídia,

diferentemente do que é, muitas vezes, divulgado pela mídia, que normalmente infere ao atacante a responsabilidade pela morte de civis inocentes nessa situação. Apesar da controvérsia gerada, fica o alerta de que não são completamente proibidos esses ataques, sendo o princípio da necessidade o principal parâmetro no processo de tomada de decisão em tais situações.

Devido a essa maior presença de civis no ambiente urbano, o aspecto jurídico apresentado acima cresce de importância, sendo um fator complicador especialmente quando um dos lados beligerantes explora sua neutralidade para obter consideráveis vantagens. Quando se fala em guerra assimétrica, a exploração desse aspecto é acentuada, na medida em que o partido mais fraco atua descaracterizado, utilizando técnicas de terrorismo e guerrilha, afastando-se do escopo do DICA.

Outro aspecto que dificulta as operações em cidades é a complexidade das características do ambiente urbano. O combatente tem de estar preparado para lutar em três dimensões (3D). Além do plano em que ele se desloca, existe a preocupação com o subsolo, permeado por galerias e túneis por onde o inimigo pode se infiltrar, atacar, reforçar ou ressuprir e com o espaço sobre sua cabeça, onde o inimigo poderá utilizar as construções mais altas para posicionar atiradores, observadores, preparar armadilhas e emboscadas, bem como utilizar o espaço aéreo com sua aviação.

Além dos aspectos legais envolvidos com a presença de civis inocentes na área urbana e de sua característica 3D, esse ambiente operacional oferece riqueza em cobertas e abrigos, vias de acesso canalizadas pelas ruas / avenidas e observação e campos de tiro limitados. Cabe ressaltar que tal cenário se modifica conforme a evolução dos fatos. A história mostra que bombardeios de artilharia e aviação, ao destruírem edificações, dificultam ou impedem o trânsito pelas ruas, restringindo, principalmente, o essencial apoio dos blindados, como aconteceu em STALINGRADO (Figura 1) e na CHECHÊNIA (Figura 2), ou seja, os aspectos de observação, campos de tiro, cobertas, abrigos, obstáculos, acidentes capitais e vias de acesso (OCOAV) possuem características peculiares e podem transformar-se rapidamente, o que torna o ambiente especial; por isso, exige treinamento específico para a tropa que atua nele.

Pelas características anteriormente apresentadas e confirmadas pelo estudo de diversas batalhas ocorridas em cidades, constatamos que esse tipo de terreno impõe um combate aproximado. Como exemplo, na Batalha de STALINGRADO, para evitar as armas de apoio do inimigo (artilharia e aviação), os russos se posicionavam o mais próximo possível da frente alemã, a fim de reduzir a probabilidade de ocorrência de "fogo amigo" com suas conseqüências indesejáveis para o moral da tropa. Diversos relatos descrevem a importância da disciplina de ruídos e de luzes devido à facilidade de se detectar a presença do inimigo dentro das reduzidas distâncias envolvidas, muitas vezes do outro lado da parede.

A influência da tecnologia e o advento de novas táticas e técnicas

E hoje, como a tecnologia influencia esse cenário? Com certeza, como em qualquer ambiente, como facilitadora para quem a possui e a aplica com "expertise", mas ela também sofre as restrições do ambiente: as propagações eletromagnéticas são prejudicadas pelas construções e redes elétricas, os equipamentos de visão noturna de luz residual muitas vezes não funcionam em ambientes fechados e os sensores térmicos são prejudicados pelos incêndios e máquinas em funcionamento, tudo isso mesclado com a presença da população civil.

Artigos de oficiais americanos vislumbram os avanços tecnológicos que aumentarão a eficácia do soldado nesse tipo de combate, apresentando soluções em desenvolvimento nos Estados Unidos que estão muito distantes da realidade para a maioria das Forças Armadas no mundo. Pequenos robôs blindados, capazes de transitar sobre escombros, identificar o inimigo e eliminá-lo com seu armamento, são exemplos de mecanismos que estão sendo testados. O soldado deverá ser rústico o bastante para suportar tais ambientes e, também, técnico o suficiente para saber operar os novos equipamentos. Paradoxo interessante, mas que traça, a meu ver, o perfil do soldado do futuro opondo-se à ultrapassada idéia de que o combatente só precisa de "endurance". Aproveitando as palavras de Castro Alves em sua obra Espumas Flutuantes: "Não core o livro diante do sabre, nem core o sabre de chamá-lo irmão".

Continuo acreditando ser, o homem preparado, o elemento de maior valor nesse tipo de combate. A evolução de técnicas de vasculhamento, utilização correta dos equipamentos de proteção individual, dos meios de comunicação, do armamento e do estudo do terreno farão a diferença. Muitos ensinamentos foram trazidos para o CFN, tanto fruto da participação de nossos contingentes na MINUSTAH, como nos diversos exercícios ocorridos com Forças de outros países. Os Exercícios de Intercâmbio como o INTERCÂMBIO SUR, que visa à troca de conhecimentos operacionais, táticos e técnicos entre frações de diversas nações latino-americanas e

Figura 1 - Batalha de Stalingrado

Figura 2 - Guerrilheiro na Chechênia

dos Estados Unidos da América, realizados em 2006 nos EUA, 2007 no Chile e em 2008 na Argentina, permitiram a troca de informações e o aprimoramento de vários procedimentos. Esse intercâmbio está previsto para ser realizado em 2009 no Brasil com a participação de 8 países: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Estados Unidos da América, Peru e Uruguai. Os relatórios decorrentes, após devidamente analisados e apreciados, poderão contribuir para aprimorar nossos manuais e, posteriormente, serem disseminados para todo o CFN.

Cabe ressaltar também que foram produzidos Procedimentos Operativos Padrão (POP) a respeito de patrulhamento mecanizado, motorizado e a pé em área urbana, fruto da nossa experiência obtida no Haiti, e foram adotados e aperfeiçoados modelos de pistas utilizadas em outros países para esse adestramento específico.

Atualmente, além da pista de combate em localidade do Batalhão HUMAITÁ, conhecida pela maioria dos Fuzileiros Navais, existem, no Batalhão PAISSANDU, as pistas de entrada em compartimento (Figura 3) e a pista de tiro de combate urbano (Figuras 4 e 5), onde nossos militares praticam as técnicas de entrada em compartimento, vasculhamento de casas e galerias, além da passagem por obstáculos urbanos com a possibilidade de se utilizar munição real – ainda há uma pista de túneis, em fase final de construção. A construção do complexo de pistas do Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia acentuará ainda mais o desenvolvimento dessas táticas e técnicas.

Todos esses fatores conjugados solidificam conhecimentos antigos e geram novas informações e necessidades de meios específicos, além de contribuírem para o aperfeiçoamento dos nossos procedimentos operativos. Abaixo são apresentadas algumas observações, fruto dessas diversas experiências:

1. O empunhamento do fuzil utilizando a mão forte gera confiança ao Fuzileiro Naval e permite respostas mais rápidas a qualquer ação adversa.

2. A utilização do fuzil durante vasculhamento e ataque na posição sul, permite melhor equilíbrio e resposta às ações adversas, diminuindo o desgaste do combatente. Essa técnica é facilitada com a adoção da bandoleira de três pontas (Figuras 6, 7 e 8) e, mais recentemente, com o uso dos mosquetões de ombro.

3. A utilização da visão periférica, mantendo os dois olhos abertos, permite maior percepção do ambiente. Aliadas a essa técnica, com a utilização de miras holográficas ou "*green/red dot*" a aquisição de alvos é potencializada e os danos colaterais são reduzidos.

4. As técnicas de deslocamento e posições utilizadas facilitam a aquisição de alvos, a proteção individual e a pronta-resposta às ações adversas (Figura 9).

5. A utilização de atiradores de precisão nos Grupos de Combate atua em proveito da fração, aumentando a sua segurança e reduzindo a probabilidade de danos colaterais.

Alguns dos exemplos explanados são técnicas que não contrariam nossos manuais, mas também não estão normalizadas. Para que isso ocorra, será necessária uma análise profunda de nossos órgãos formuladores de doutrina e a sua respectiva homologação, com a devida inserção em nossos manuais. É a doutrina informal que caminha sempre à frente, atualizando e aprimorando a doutrina formal.

Figura 3 - Pista de entrada em compartimento do Batalhão Paissandu

Figura 4 - Pista de tiro de combate urbano no Batalhão Paissandu

Figura 5 - Pista de tiro de combate urbano no Batalhão Paissandu

Cabe ressaltar que a utilização de alguns meios, antes considerados somente para tropas de Operações Especiais, devem ser dotados nos Batalhões de Infantaria. Quatro bons exemplos são a luneta para atiradores de precisão nos Grupos de Combate (GC), o aparelho de pontaria "*green/red dot*", os equipamentos-rádio "hand-free" e os fuzis M-4, que permitem maior manobrabilidade ao combatente, ganho de eficácia na aquisição dos alvos e, conseqüentemente, reduzem a possibilidade de danos colaterais nos engajamentos.

Figura 6 - Posição Sul

Figura 7 - Posição vasculhamento

Figura 8 - Posção ataque

Figura 9 - Técnica de deslocamento

Durante o 4º Contingente no Haiti, foi necessário o treinamento de atiradores de precisão para cada GC visando às operações desenvolvidas em que o posicionamento desses atiradores em pontos-chave garantiu uma segurança mais eficaz para o restante da fração. Cabe ressaltar que esses militares não eram "*snipers*", mas militares adestrados, capacitados a realizarem o tiro em melhores condições que os demais companheiros. Nesses casos, a quantidade necessária de militares e a especificidade da missão não exigiam o emprego de militares de Operações Especiais. Para o exemplo das lunetas, vamos ao passado não tão distante, quando o Fuzil Automático Leve (FAL) ainda era adotado nos Batalhões de Infantaria de Fuzileiros Navais; naquela época, existiam, em cada paiol de CiaFuzNav, dezoito lunetas para o FAL, ou seja, duas por GC.

Conclusão

A guerra urbana é um tema extenso cujas características do combate moderno exigem acompanhamento constante dos recursos passíveis de serem utilizados em seu proveito. É importante ressaltar que o CFN tem acompanhado o nascimento de novas táticas, técnicas e procedimentos e avaliado as mudanças necessárias para o aprimoramento de nossa doutrina. As pistas construídas nos últimos anos e os projetos existentes são a prova viva da recente atenção dedicada a esse aperfeiçoamento, que deverá manter o foco no valor do Fuzileiro Naval que, com suas honra, competência e determinação, continuará sendo referência de soldado profissional.

Para encerrar, gostaria de tecer um agradecimento especial aos militares do Batalhão PAISSANDU, "PRIMEIRA VAGA", que muito contribuíram, voluntariamente, para a edição deste artigo. Cito, em especial, o CB-FN-IF Henrique Dias da Costa, que apresentou vasto material de consulta, demonstrando invulgar interesse e conhecimento profissional acima da média. Sinto orgulho de comandá-los.

ADSUMUS!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS. Metade dos habitantes do planeta vive em cidades. Population et sociétés. Paris, 2007. Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/niem _rj/message/3310>. Acesso em: 08 mar. 2009

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Steven E. **Guerra urbana**, as Forças dos EUA em conflitos futuros. Exército dos EUA. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC/milreview/portuguese/4thQtr02/alexander.PDF>. Acesso em: 02 mar. 2009.

BATALHA de Stalingrado: o heroísmo soviético. **Jornal eletrônico Conselheiro X. Porto Alegre**. Disponível em: <http://conselheirox.blogspot.com/2009/01/batalha-de-stalingrado-o-heroismo.html>. Acesso em: 02 mar. 2009.

CARNEIRO, Mário R. V. Combate Urbano. **Revista Segurança e Defesa**. Rio de Janeiro, 2004. p.12.

HAHN, Robert F., JEZIOR, Bonnie. O Combate Urbano e o Combate Urbano de 2025. **Military Review**, Kansas, trimes. 2/2001. Disponível em: <http://defesabrasil.com/site/index.php/Artigos/O-Combate-Urbano-e-o-Combatente-Urbano-de-2025.html>. Acesso em: 03 mar. 2009.

MANUAL de Operações em Área Urbana. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais: Rio de Janeiro, 2002. CG-CFN-3100.

MANUAL de Campanha. Batalhões de Infantaria. Estado-Maior do Exército. 3. ed. Exército Brasileiro: Rio de Janeiro, 2003. C-7-20.

MARIGHELA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano.** Disponível em: <http://www.angelfire.com/de2/chegueva-ra/arquivos.htm>. Acesso em: 02 mar. 2009.

PRIMEIRA guerra da Chechênia. Wikipédia, Enciclopédia livre. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cc/Evstafiev-chechnya-palace-gunman.jpg/270px-Evstafiev-chechnya-palace-gunman.jpg&imgrefurl>. Acesso em: 11 mar. 2009.

URBANIZAÇÃO no mundo. Disponível em:< http://www.brasilescola.com/geografia/urbanizacao-mundo.htm>. Acesso em: 08 mar. 2009.

YAZOV, Dimitri. Combate urbano é algo que não se deseja nem ao pior inimigo. **Komsomolskaya Pravda**, Moscou, 05 abr. 2003. Diário Vermelho. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/diario/2003/0405/0405_marechal_urss.asp>. Acesso em: 02 mar. 2009.

CF (FN) Marcelo Guimarães Dias
CT (FN) Pedro Fernando Zonzin Filho

Contribuição ao desempenho dos GptOpFuzNav-Haiti com a incorporação das viaturas PIRANHA

Introdução

Para que se possa ter a exata compreensão da importância do emprego das Viaturas Blindadas Especiais Sobre Rodas 8X8 PIRANHA III C (VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C) na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), faz-se necessário remetermo-nos ao ano de 2004 e relembrarmos o próprio momento da ativação do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais – Haiti (GptOpFuzNav-Haiti).

Para o melhor entendimento desse contexto, destacam-se três aspectos centrais que merecem ser relembrados:

1º) com o intuito de não degradar ainda mais a precária malha viária existente no país, foi decidido que não seriam levadas viaturas sobre lagartas para a Área de Operações;

2º) diante dessa condicionante, o GptOpFuzNav-Haiti contava inicialmente com o apoio prestado pelas viaturas blindadas URUTU do Exército Brasileiro, que em razão do cumprimento de suas próprias tarefas, nem sempre podiam atender integralmente às solicitações da tropa anfíbia; e

3º) não existiam, naquele momento, viaturas blindadas sobre rodas com sistema de tração 8X8 e dotadas de tecnologia atual, para que fossem comercializadas e fornecidas por qualquer fabricante da Indústria Nacional – situação essa que perdura até hoje, aproximadamente, quatro anos mais tarde.

Como os engajamentos na missão ainda eram bastante freqüentes, foi identificada a premente necessidade de aquisição de viaturas que proporcionassem segurança à integridade física de nossos combatentes. Dentro desse quadro, em novembro de 2005, teve início um marcante processo de obtenção de uma Viatura Blindada Sobre Rodas para o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), que fosse moderna tecnologicamente, com disponibilidade de rápida entrega, cujo emprego fosse reconhecidamente aprovado por outros países e, principalmente, capaz de atender àquela iminente demanda operacional.

Destaca-se que uma obtenção desse porte envolve um minucioso detalhamento dos requisitos operacionais, a observância a dispositivos legais que regem as normas para realização de uma licitação internacional, o fomento das ações que efetivam a Política de Compensação Comercial, Industrial e Tecnológica (Política de "OFFSET") e a previsão do correspondente Apoio Logístico Integrado (ALI). O ineditismo dessa obtenção, dentre outros aspectos, deve-se, especialmente, à sua realização em um curtíssimo período de tempo. Ao final deste extenso processo sagrou-se vencedora a empresa suíça MOWAG, com a VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C.

Preparação para a missão

O recebimento de qualquer equipamento militar novo, dotado de avançada tecnologia, por si só, já se constitui em processo de grande responsabilidade, pois consiste em compatibilizar vários aspectos simultaneamente: aplicar judiciosamente os recursos da Nação, atender à necessidade do setor operativo e capacitar recursos humanos, não só para sua operação, mas também para a correta manutenção.

Durante o período de montagem das primeiras viaturas a serem entregues ao CFN, foram realizados cursos de manutenção e de operação na própria fábrica da MOWAG (Suíça), além de outros conduzidos no Brasil. Concomitantemente, o setor operativo tomava as providências para que tão logo as novas viaturas blindadas chegassem, essas pudessem embarcar nos meios da Esquadra para serem transportadas até o Haiti.

Treinamento com a nova viatura blindada do CFN.

Além disso, dentre as ações de caráter administrativo, houve também a necessidade de retificar a composição do inventário do GptOpFuzNav-Haiti junto aos setores da ONU responsáveis pelo controle dos meios dos países contribuintes e os correspondentes reembolsos pelos meios envolvidos.

O engajamento de tantos setores da Marinha e a perfeita coordenação das ações permitiram que, no dia 14 de fevereiro de 2008, o Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais estivesse recebendo a última viatura do primeiro lote – a Viatura Socorro – e, no dia 22 de fevereiro de 2008, o Navio Desembarque de Carros de Combate Mattoso Maia (G-28) estivesse atracando no Cais do Boqueirão para embarcar as 05 (cinco) VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III-C, 04 (quatro) na versão Transporte de Pessoal (TP) e 01 (uma) na versão Socorro (SOC).

Em 17 de março de 2008, chegavam a Porto Príncipe as novas viaturas blindadas do CFN para que, imediatamente, fossem incorporadas ao GptOpFuzNav-Haiti. A expectativa era grande com a chegada das viaturas e as guarnições aguardavam ansiosamente para voltar a operar com os carros, após 03 (três) meses de afastamento do contato quase diário ocorrido durante o Estágio de Qualificação de Operadores.

Embarque das cinco VtrBldEsp SR 8X8 no Cais do Boqueirão

O navio atracou por volta das 14h e, às 21h, as viaturas e seus sobressalentes chegavam à Base de Fuzileiros Navais Acadêmica Rachel de Queiroz, após a liberação na aduana haitiana.

Devido ao grande período de afastamento, todas as guarnições realizaram uma readaptação com as viaturas, relembrando os procedimentos de operação. Antes que o novo meio pudesse sair às ruas, representantes da ONU realizaram uma minuciosa inspeção nas viaturas, verificando as características operacionais e o seu perfeito funcionamento. No dia 31 de março, os novos blindados do CFN iniciavam suas atividades operativas.

Dentro da Área de Responsabilidade foi realizado um reconhecimento de todos os trechos que permitiam o deslocamento das novas viaturas, quando se chegou à grata constatação que, apesar das suas grandes dimensões, graças à excelente manobrabilidade, praticamente não houve restrições ao emprego na maioria das ruas e localidades onde eram realizados patrulhamentos e guarnecimento dos Pontos Fortes.

É importante destacar que nessa época, a situação dominante no Haiti, inclusive na capital do país, era de relativa tranqüilidade, com uma estabilidade que afastava a desordem das ruas e reduzia bastante a criminalidade há algum tempo.

No entanto, diante de um processo de crescente insatisfação popular com a subida dos preços, durante uma grande manifestação popular ocorrida no dia 08 de abril de 2008, ou seja, há menos de um mês após a chegada das viaturas, uma onda de violência tomou a capital, onde ocorriam seguidos protestos contra o governo constituído e várias depredações.

O patrulhamento motorizado que era realizado, anteriormente, com viaturas leves (Toyotas ½ Ton) e caminhões UNIMOG recebeu um significativo incremento em prol da segurança e integridade física dos fuzileiros navais, justamente no momento em que a sensação de instabilidade voltava a rondar o país.

Os preceitos doutrinários recomendam que, preferencialmente, os meios blindados não sejam empregados isoladamente, tendo em vista a possibilidade de ocorrência de ações de salvamento e também, para que possam contar

com o apoio mútuo durante as missões. No entanto, as circunstâncias impuseram que as viaturas fossem empregadas isoladamente em algumas ocasiões.

Valorosa também foi a contribuição proporcionada pelas novas viaturas por ocasião do guarnecimento de Postos de Controle de Trânsito, especialmente nos períodos noturnos, constituindo-se em um componente primordial para aumentar a segurança do pessoal.

Isolamento e proteção do Palácio Nacional pelos militares do GptOpFuzNav-Haiti.

Inegavelmente, a presença das VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C causou importante impacto dissuasório junto às forças adversas, além do aumento da proteção efetiva e da sensação de segurança para nossas forças. Por este motivo, algumas vezes foram empregadas em serviços de segurança estática, como na entrada do presídio da capital e nas instalações da MINUSTAH, quando surgiam informes de supostas tentativas de invasões ou, até mesmo, durante a realização de ACISO.

Contribuições ao desempenho dos GptOpFuzNav e algumas lições aprendidas

1) O primeiro aspecto positivo de podermos contar com as nossas próprias viaturas, reside no fato da possibilidade de realização de adestramentos pré-operacionais ainda no Brasil – permitindo a familiarização dos procedimentos tanto da guarnição, quanto da tropa embarcada. Anteriormente, recebia-se o apoio de blindados não pertencentes ao inventário do CFN, inclusive de outros países, existindo, muitas vezes, dificuldades para comunicação e adoção de procedimentos padronizados. Tal condição obrigava a freqüente realização de *briefings* para instruir a tropa como proceder com aquele determinado meio em apoio e a respectiva guarnição, despendendo precioso tempo para algumas ações.

2) Caso os níveis de hostilidade ou de violência na área de operações permitam, as primeiras atividades de reconhecimento da área devem prever a utilização de viaturas leves, de forma a adaptar gradativamente os operadores das viaturas blindadas com a área de responsabilidade e as peculiaridades do trânsito local.

3) Durante o planejamento do rodízio dos contingentes, deve ser programada a substituição das guarnições de forma escalonada, evitando a saída imediata de todos os operadores. Embora possa parecer uma medida óbvia, sabe-se que já houve a infeliz experiência - de outros efetivos contribuintes de tropas - de carros estarem disponíveis, haver necessidade de empregá-los e não se dispor de operadores para guarnecê-los, em razão do rodízio.

4) Durante as manifestações de abril de 2008, a nova viatura blindada provou ser um meio de alta confiabilidade, capaz de propiciar à tropa condições de reagir com rapidez e segurança. No entanto, o uso errôneo das viaturas pode trazer prejuízos materiais desnecessários como faróis quebrados ou pneus furados. De maneira análoga, os extintores orgânicos das viaturas não devem ser usados para combater focos de incêndio espalhados pelas ruas. Esses devem ser preservados para apagar, apenas, incêndios decorrentes do lançamento de coquetéis *molotov* contra a viatura ou aqueles surgidos, eventualmente, no seu próprio interior.

5) Foi identificada a necessidade de instalação de sirenes nas viaturas. As buzinas existentes, muitas vezes, confundem-se com as dos automóveis de passeio do trânsito local. Nota-se que, diante de situações de perturbação da ordem, o uso desse recurso é muito útil para acelerar o deslocamento da Força de Reação. Em razão disso, as viaturas a serem recebidas decorrentes do terceiro contrato já chegarão com esse item instalado de fábrica.

Deslocamento pelas ruas da capital

6) A incorporação das novas viaturas blindadas ao GptOpFuzNav-Haiti aumentou significativamente a visibilidade de nossas forças na Área de Responsabilidade, que é um aspecto muito positivo em uma missão dessa natureza.

7) Capacidade de substituir o armamento da viatura graças à presença de um reparo multifuncional, que permite a fixação de uma MINIMI, uma Metralhadora 7,62 mm, uma Metralhadora .50 ou de um Lançador de Granadas 40 mm (LAG-SB-40 mm), viabilizando o emprego gradual da força, fundamento básico das Regras de Engajamento em uma Missão de Paz.

8) As novas viaturas blindadas mostraram-se aptas a auxiliar a infiltração de militares da Equipe de Comandos Anfíbios (ECAnf), utilizando a técnica de desembarque em movimento. A adoção de um *modus operandi* estereotipado

Atuação das novas viaturas blindadas aumentando a visibilidade das ações do GptOpFuzNav-Haiti.

em termos de horários, itinerários e procedimentos da tropa embarcada nas tarefas de patrulhamento motorizado pode iludir as forças adversas quanto ao procedimento padronizado da tropa, favorecendo o uso do elemento surpresa em outras ocasiões.

9) Foram levadas como parte do Apoio Logístico Integrado (ALI) aproximadamente duas toneladas de sobressalentes para as cinco viaturas que se encontram na Área de Operações e tal dimensionamento vem se mostrando suficiente para efetuar as substituições de itens de manutenção preventiva e alguns para corretiva. Outra providência bem sucedida foi o envio periódico de equipes móveis de manutenção e a ida de técnicos do próprio fabricante para acompanhar o desempenho das viaturas e sanar alguns problemas que exigissem maior conhecimento técnico e ferramental especial. As duas iniciativas conferem maior autonomia dos GptOpFuzNav e reduzem significativamente o tempo de reposição de itens que indisponibilizam as viaturas.

10) Em áreas de maior adensamento de moradias, em bairros carentes e dominados por "gangues", como *Bel Air* e *Citeé Soleil*, é comum a colocação de obstáculos (portões, carcaças, escoras ou fossos) no perímetro para dificultar a entrada de tropas da MINUSTAH e deixando-as em uma situação extremamente desfavorável para desencadear suas ações com rapidez. Já com a disponibilidade das novas viaturas blindadas, os GptOpFuzNav receberam importante contribuição para a aproximação da tropa com rapidez e segurança para assumir o dispositivo de isolamento (cerco), que antecede as ações de vasculhamento.

Capacidades da nova viatura

1) No compartimento para a tropa embarcada, existe uma posição específica que permite a comunicação entre o líder da fração embarcada e o comandante do carro, possibilitando que detalhes da cena de ação e da intenção da manobra possam ser atualizados.

2) No mesmo compartimento, existem 02 (dois) periscópios para que militares transportados possam efetuar o acompanhamento da situação à retaguarda da viatura, mesmo que atos hostis impeçam a abertura das escotilhas com militares para fazer a segurança do carro. Já o motorista da viatura pode contar com um periscópio de visão noturna (NAP-5) para auxiliar sua condução nos períodos de visibilidade reduzida.

3) As VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C possuem capacidade de transposição de curso d`água (lagos e rios). A nova viatura tem condições de sair de terra firme e operar na água, valendo-se somente dos comandos do motorista a partir de seu cockpit, além de poder alcançar a velocidade de 10 km/h neste tipo de operação, graças às duas hélices existentes à sua retaguarda. A título de comparação, as VtrBldEsp M-113 alcançam a velocidade máxima de 4,8 km/h e sua preparação para esse tipo de operação exige procedimentos de fechamento de bujões e vedação de partes móveis que demora aproximadamente 45 minutos, quando realizado por uma guarnição bem adestrada.

4) Durante as manifestações de 08 de abril de 2008, o pneu dianteiro de uma viatura que apoiava a tropa foi rasgado pelas ferragens de um poste que estava caído no chão após atos violentos de protesto. Foi constatado que o anel toroidal existente no interior do pneu é confiável. Mesmo com o pneu totalmente vazio, a viatura permaneceu operando até o final do dia, quando a situação já estava mais calma e os pneus puderam ser substituídos já no interior da Base. Além do anel toroidal, a viatura conta, também, com um Sistema Central de Enchimento dos Pneus, permitindo que a calibragem dos pneus seja ajustada de acordo com a natureza do terreno onde estiver trafegando.

5) A viatura possui um potente sistema de ar condicionado que contribui significativamente para o conforto da tropa, particularmente, em um ambiente operacional de temperaturas tão elevadas como é o caso do Haiti. Além do aspecto de bem estar, seu sistema de filtragem de ar confere capacidade de defesa QBN no interior da viatura.

6) A viatura conta, também, com um detector de emissões laser (LIRD - *Laser Irradiation Detector and Warner*) que identifica a incidência de feixes de laser orientados contra a viatura, sinalizando de qual direção está vindo a ameaça. O sensor pode acionar automaticamente o lançador de granadas fumígenas para dificultar o enquadramento pelo atirador e favorecer a evasão das viaturas do local.

Características técnicas

Peso de Combate	18,5 Ton
Motor Potência	C-9 Caterpillar 400 HP
Comprimento	6,93 m
Largura	2,66 m
Altura	2,17 m
Velocidade máxima em estrada	100 km/h
Velocidade máxima na água	10 km/h
Autonomia	800 km
Rampa máxima (frontal)	60 % (31º)
Inclinação lateral máxima	30 % (17º)
Vão máximo	2,0 metros
Degrau máximo à frente	60 cm
Capacidade de transporte de pessoal	02 da guarnição e 11 da tropa embarcada

O principal aprendizado e os ganhos para outros GptOpFuzNav

As VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C certamente têm muito mais a oferecer aos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais perante o amplo espectro de operações em que podem ser empregados e, possivelmente, quanto mais hostil for o ambiente, mais evidente será o reconhecimento da importância de podermos contar com esse importante meio para a Guerra Moderna.

Elevar a mobilidade de nossas forças, proporcionar proteção blindada às nossas tropas, ter capacidade para deslocar efetivos rapidamente no interior da Zona de Ação, ter capacidade de transpor cursos d'água reduzindo as limitações de trafegabilidade e realizar tarefas de reconhecimento, de segurança e de economia de forças são valiosas capacidades que tanto contribuem com a aceleração dos ciclos de decisão dos GptOpFuzNav, quanto geram a incerteza em nossos oponentes, privilegiando vários fundamentos da Guerra de Manobra.

A descrição cronológica dos fatos ocorridos no Haiti e da sistemática de obtenção teve o propósito de destacar aquela que, talvez, tenha sido a principal lição de todo esse processo. Tivemos um caso exemplar que ilustrou muito bem como o aprestamento das Forças Armadas não admite improvisos e que a situação de estabilidade social e de paz não deve, de forma alguma, induzir a Nação à lassidão. Em menos de um mês após a chegada ao Haiti, as novas viaturas tiveram relevante participação para que o controle da situação tivesse um desfecho bem sucedido após os protestos de 8 de abril.

A prontificação de uma Força, em todo o seu espectro – recrutamento, formação e treinamento dos recursos humanos; a obtenção dos novos meios e a ativação de estruturas necessárias à sua manutenção – demanda valioso tempo. A título de ilustração, cabe mencionar que, mesmo estando a fábrica MOWAG com a sua linha de produção dedicada à encomenda feita pelo CFN, somente em 2014 a entrega da trigésima viatura estará concluída. Ao final do recebimento de meios, o CFN terá incorporado ao seu inventário um total de 30 viaturas (25 versão TP, 02 versão Socorro, 02 versão Comando e 1 versão Ambulância).

Ratificando a versatilidade das novas viaturas, é digno de destaque o registro do emprego das novas viaturas também no cenário interno durante o ano de 2008, quando elas foram empregadas na Operação Voto Livre. As viaturas integraram um GptOpFuzNav que recebeu a tarefa de prover segurança nas áreas designadas (Vila do João, Comunidade do Salgueiro de São Gonçalo e Complexo do Alemão) pela Justiça Eleitoral, para garantir a regularidade do processo eleitoral.

MOBILIDADE TÁTICA
Proporcionada por seu sistema de tração 8x8, seus 2 eixos direcionais, o potente motor de 400 HP, autonomia de 800 km, e velocidade máxima de 100 km/h.

VISIBILIDADE
A imponência da viatura contribui significativamente com o aumento da visibilidade, aspecto particularmente importante para Operações de Paz e de Garantia de Lei e da Ordem.

MOBILIDADE ESTRATÉGICA
Proporcionada pela capacidade de ser embarcada em navios ou aeronaves C-130.

SURPRESA
O baixo nível de ruídos e sua pintura anti-reflexiva, que proporciona redução das assinaturas térmica e infra-vermelha, contribuem significativamente com ações furtivas como Incursões, Infiltrações e ações de Reconhecimento.

APOIO ÀS ATIVIDADES LOGÍSTICAS
De forma eventual pode auxiliar no cumprimento de tarefas logísticas, particularmente, as funções "Transporte" e "Saúde", em virtude da aquisição de viaturas Ambulâncias.

MAIOR PROTEÇÃO BLINDADA
Blindagem modular, com capacidade para resistir tiros de armamentos com calibre .50 quando realizados a mais de 500 metros. Proteção contra minas AP em qualquer ponto do veículo ou até 6 kg de TNT sob qualquer roda.

MAIOR CAPACIDADE DE COMUNICAÇÕES
As viaturas de Comunicações serão equipadas com equipamentos VHF, UHF e HF, com elevada potência para transmissão, por serem equipamentos veiculares. Outra contribuição será a possibilidade de comunicação "terra-avião".

EMPREGO GRADATIVO DA FORÇA
A existência de um reparo multi-funcional permite configurar a viatura com 4 tipos de armamento de distintos calibres.

Além dos diversos tipos de ações já desenvolvidas em tão curto período, não se pode esquecer, ainda, das relevantes capacidades conferidas por esse meio para as ações expedicionárias que podem ser confiadas ao Corpo de Fuzileiros Navais, tais como as Operações Anfíbias, Evacuação de Não-Combatentes e Assistência Humanitária.

Participação das viaturas blindadas na Operação Voto Livre.

CF (FN) Giovanni Farias de Souza

Lições aprendidas pelo 9º contingente do GptOpFuzNav - Haiti

Introdução

Os aspectos apresentados têm o propósito de auxiliar os militares na preparação de futuros contingentes em missão de paz. Procurou-se disseminar a experiência adquirida com a aplicação do conceito de Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav), a fim de se evitar a repetição de procedimentos equivocados. Os comentários e sugestões são um sumário do extenso e dedicado trabalho realizado ao longo de seis meses de participação na "missão de nossas vidas" pelos oficiais integrantes desse contingente.

Lições aprendidas

Trato com a população haitiana: a tarefa dos Sargentos

Comentários: Partindo-se da premissa de que violência gera violência, tratar a população haitiana com cordialidade é fundamental. O haitiano gosta de responder aos cumprimentos da tropa, principalmente com acenos de mão. Durante toda a missão, foi utilizado apenas um cartucho de borracha, atirado para cima a fim de dispersar uma multidão enfurecida que linchava um ladrão de carvão e que não havia percebido nossa aproximação. Em todas as diversas e complicadas situações vivenciadas, os Fuzileiros Navais sempre conseguiram solucionar todos os conflitos com muita calma e habilidade. Mesmo durante a organização das imensas filas de pessoas nas Ações Cívico-Militares (ACISO), nem os "sprays" de pimenta foram utilizados. Uma pesquisa feita pela Seção de Operações Psicológicas do Batalhão Brasileiro Força de Paz da MINUSTAH (BRABAT) evidenciou um resultado extremamente favorável para o GptOpFuzNav. Obtivemos um índice de aprovação e satisfação da população com a nossa presença no Haiti muito superior ao das subunidades (SU) do BRABAT. Não recebemos pedradas, não consumimos munição além do mínimo necessário, como reza a regra de engajamento principal da missão; não tivemos nenhum atrito com qualquer instituição haitiana. A experiência da nossa tropa é o aspecto que mais contribuiu para que esse resultado altamente satisfatório fosse alcançado. Nossa tropa é composta em sua maioria por Sargentos, ao contrário do BRABAT, que possui um maior número de Cabos e Soldados. Por serem mais experientes, os Sargentos param e se orientam antes de tomarem qualquer tipo de decisão que gere uma ação. Não são tão impetuosos e empolgados como os jovens CB e SD; são mais calmos, refletem melhor sobre as conseqüências de suas decisões e são mais indiferentes às provocações e, em alguns casos, às agressões dos haitianos.

Ação a empreender: Durante a fase de preparação, aproveitar a experiência das nossas praças para intensificar o uso apropriado das Regras de Engajamento *(Rules of Engagement* - ROE), a fim de que o militar tenha condições de observar a cena de ação, orientar-se, decidir e agir adequadamente dentro das ROE. Finalmente, ratificando nosso profissionalismo e as características de tropa anfíbia, expedicionária e de pronto-emprego, que a tropa seja constantemente orientada, durante a missão, sobre a importância de se tratar com cordialidade o povo haitiano.

Revista de elementos suspeitos

Comentários: Devido à importância do trato cordial com a população, a seleção dos populares a serem revistados teve que obedecer a determinados critérios para que

o tempo de patrulhamento fosse bem aproveitado e não se criasse uma situação constrangedora para os populares. Cada patrulha (Pa) tinha um elemento escalado como revistador com seu correspondente segurança. Um desvio de olhar, o uso repentino de um celular ou até mesmo uma mudança brusca de direção no deslocamento, assim que a Pa é avistada, são indícios de uma atitude suspeita. Como tais indícios podem ocorrer na vanguarda, no grosso ou na retaguarda da Pa, qualquer integrante pode selecionar um popular para ser revistado. Com o tempo, a tropa desenvolve esse sentimento a respeito de quem é suspeito. É comum, no início da missão, as Pa quererem revistar diversas pessoas. Um trabalhador fica constrangido ao ser revistado e, provavelmente, sorri de tão nervoso. Após o popular ser inspecionado, o revistador deve agradecer, em creole, pela sua cooperação.

Ação a empreender: Orientar a tropa sobre os procedimentos e critérios que deverão ser adotados por ocasião da revista de populares.

Realização de "briefings" e " debriefings" antes e depois das tarefas

Comentários: É de extrema importância que os Comandantes de Frações realizem um "briefing" para seus subordinados antes do início de cada tarefa e um "debriefing" logo após seu término. Por mais simples que seja a tarefa recebida, todos os militares têm de saber qual itinerário será utilizado pelas viaturas, onde estarão embarcados, quem portará os armamentos e munições não-letais, qual a freqüência que será guarnecida nos rádios, em suma, todos os detalhes importantes para o seu cumprimento. Existe uma clara tendência da tropa em não realizar os "briefings" na execução das tarefas rotineiras, como as escoltas de pessoal. Tal tendência deve ser evitada para que a tropa sempre saiba como agir rapidamente e tenha todos os meios necessários para fazer frente a qualquer situação. As mesmas observações são válidas para os "debriefings". Ao chegar de uma dada tarefa, a tropa quer desequipar e descansar o mais rapidamente possível. O "debriefing" deve ser realizado com o "sangue quente", a fim de permitir que todos expressem suas opiniões para que as falhas cometidas não sejam esquecidas, fazendo com que a fração cresça como grupo e aprimore seus procedimentos. Essa ocasião é a oportunidade que as frações têm para identificar os erros e acertos cometidos, realizando uma rápida e prática discussão em busca do constante aprimoramento das técnicas, táticas e dos procedimentos adotados. É interessante que todos possam fazer uso da palavra, começando sempre pelos mais modernos. Foi constatado que quando a opinião do mais antigo é exposta em primeiro lugar, sua fala, automaticamente, induz seus subordinados a uma linha de pensamento semelhante ou os leva a omitirem seus comentários.

Ação a empreender: Continuar a incentivar a realização de "briefings" e "debriefings" antes e depois de cada tarefa.

Manutenção do aprestamento

Comentários: Durante a sua fase de preparação, o GptOpFuzNav adestrou-se da melhor forma possível para o emprego e o manuseio de armas e munições letais e não-letais que seriam utilizadas ao longo da MINUSTAH. Ao final da preparação, o comando do GptOpFuzNav tinha a certeza de que TODOS os militares do Grupamento haviam passado diversas vezes em uma área urbana realizando operações de busca e vasculhamento, de dia e à noite; percorreram várias vezes uma área edificada vertical em conduta de patrulha a pé; estabeleceram, melhoraram e pernoitaram em um ponto-forte; estabeleceram um "*check-point*" (CP); foram empregados como uma força de reação na realização de escoltas de comboios e que culminou com um exercício de Controle de Distúrbios Civis (CDC) nível Pelotão contra uma turba; dirigiram uma Vtr Toyota por um trecho de 500m (militares com habilitação); manusearam e atiraram com as metralhadoras MAG 7,62mm e .50 12,7mm; participaram de uma ACISO e tiveram seu fuzil de assalto 5,56mm M-16A2 já regulado. Começamos a missão, portanto, aprestados. Outro aspecto a considerar é que os Fuzileiros Navais do 9º contingente ficaram mais de seis meses sem realizar um disparo com o fuzil M-16, o lança-granada portátil de 40mm M-203, a espingarda militar 18,6mm MOSSBERG e a pistola 9mm. Isso não afetou a execução das tarefas recebidas, mas emitiu um sinal de alerta, uma vez que o adestramento intenso dos requisitos básicos, como ocorreu na fase da preparação do contingente, leva ao aprestamento adequado para uma missão real.

Ação a empreender: Repassar ao GptOpFuzNav quotas de munição letal e não-letal para realizar, periodicamente, adestramentos de tiro com o fuzil M-16A2, o lança-granada M-203 e, principalmente, com a espingarda militar MOSSBERG, a fim de permitir que o uso proporcional da força, diante de qualquer situação de emergência, seja efetivamente empregado.

Espingarda militar 18,6mm MOSSBERG: a arma da missão

Comentários: Considerando-se a situação atual no Haiti, em que o correto entendimento e emprego das ROE é de extrema importância, a espingarda militar MOSSBERG pode ser considerada o armamento mais importante da missão. Usando munição não-letal, é o primeiro armamento a ser efetivamente utilizado dentro da ROE do emprego prioritário da força mínima necessária. Cabe ressaltar que seu uso conjugado com o M-16A2 traz algumas dificuldades no seu transporte e, também, o manuseio dos cartuchos de borracha requer um tipo de estojo inexistente na dotação de material do CFN. Apesar disso, em conjunto com granadas de gás lacrimogêneo, as espingardas MOSSBERG são fundamentais em ações de controle de distúrbios civis, hipótese de emprego de maior probabilidade dentro do atual cenário haitiano. Dentro desse contexto, para transportar a munição de borracha, o CASC confeccionou cartucheiras adaptáveis à coronha das espingardas que precisam ser aperfeiçoadas, pois, ao longo do tempo, elas cederam com a utilização intensa. Não é recomendável fixar os cartuchos no colete balístico, uma vez que eles caem com freqüência. Para a execução das tarefas, o ideal é que cada Pelotão tenha oito MOSSBERG: duas no pon-

to-forte e três com cada Grupo de Combate (GC) que sai para realizar uma patrulha motorizada. Caso seja necessário desembarcar das viaturas para realizar uma patrulha a pé, uma MOSSBERG fica com a Esquadra de Tiro (ET) que guarnece as viaturas e as outras duas espingardas com o GC (-) que irá cumprir a tarefa de patrulhar a pé. Com relação à portabilidade do armamento, é necessário aprimorar sua bandoleira, pois ela atrapalha seu manuseio e a realização do tiro. Nossos militares preferem transportar as espingardas sem a bandoleira.

Ação a empreender: Aumentar a dotação de espingardas militares de 24 para 32 MOSSBERG, sendo oito armamentos por Pelotão e confeccionar cartucheiras com material de qualidade para as espingardas militares existentes.

Distribuição de senhas nas Operações de ACISO

Comentários: A utilização de senhas nas operações de ajuda humanitária (por exemplo, distribuição de alimentos e materiais diversos) é de extrema importância para a segurança nesses tipos de operações. A facilidade de controle proporcionada pelo seu uso evita aquelas aglomerações de pessoas se empurrando em busca de um lugar na fila - entra na fila somente quem possui a senha. Essa distribuição não deve ser concentrada nas mãos dos líderes locais, pois, conforme constatado em alguns casos, eles fazem uso político delas, vendendo-as ou dando-as em troca de benefícios. O ideal é que as senhas sejam entregues pelas nossas patrulhas diretamente para as pessoas mais necessitadas, dando visibilidade ao aspecto psicológico de um capacete azul entregar um valioso auxílio para os mais carentes: idosos, deficientes, mulheres e crianças. O Pelotão responsável pelo cerco interno também é responsável pela conferência das senhas distribuídas à população. Em várias ocasiões os haitianos falsificaram as senhas, o que obrigou o Fuzileiro Naval que as recolhia a distinguir as senhas falsas das originais.

Ação a empreender: Sempre usar senhas, principalmente em distribuição de alimentos. Confeccionar um carimbo com alguma frase ou símbolo colorido para imprimir no verso de cada senha a fim de dificultar sua falsificação. Distribuir as senhas, preferencialmente, através das patrulhas a pé do Componente de Combate Terrestre (CCT).

Plano de fogos da VtrBld ESP SR 8X8 PIRANHA IIIC

Comentários: Para facilitar as ações de controle de distúrbios civis, foi confeccionado um plano de fogos para a VtrBld PIRANHA, em que são utilizados um fuzil M-16A2, um lança-granada M-203 e três espingardas militares MOSSBERG. Dessa forma, o M-203 é utilizado para o lançamento de granadas de gás lacrimogêneo; o M-16A2, para a realização de tiro pontual contra alvos de oportunidade; e as espingardas MOSSBERG (uma na torre e uma em cada bordo da Vtr), para a realização de disparos com munição não-letal para dispersão da turba. Apesar do seu efeito dissuasório, o uso da Mtr MAG 7,62mm na torre pode ser dispensado dentro do atual cenário no Haiti. Cabe ressaltar que ainda existe a possibilidade de utilização dos lançadores de granadas da própria viatura, embora eles ainda não estejam sendo utilizados no Haiti.

Ação a empreender: Adotar esse plano de fogos para as VtrBld PIRANHA em todas as patrulhas mecanizadas e dotar o GptOpFuzNav com os lançadores de granadas da própria viatura para utilização em controle de distúrbios civis.

Operações psicológicas

Comentários: Em outubro de 2008, a Seção de Operações Psicológicas do BRABAT realizou a Operação ANSANN, na Área de Responsabilidade do GptOpFuzNav, com o propósito de identificação do nível de aprovação da população com relação às atitudes da nossa tropa. O índice de aprovação foi altamente favorável e muito superior ao resultado alcançado pelas SU do BRABAT. Além disso, a Seção de Operações Psicológicas dispõe de recursos audiovisuais excelentes, tais como "softwares" de edição de imagens, "plotters" para impressão de cartazes e panfletos, além de um carro de som para a divulgação de mensagens para os populares. Tais recursos poderiam ter sido mais utilizados nas ações do GptOpFuzNav.

Ação a empreender: Solicitar ao BRABAT a confecção de cartazes e panfletos voltados especificamente para as ações do GptOpFuzNav, semelhantes aos vários que são feitos para as suas SU. Solicitar ao BRABAT uma equipe da Seção de Operações Psicológicas para apoiar nossas operações sempre que possível, a fim de melhorar nossa relação com a população haitiana e contribuir para o aumento da nossa visibilidade na missão.

Seção de Operações dos Componentes

Comentários: O Componente de Apoio de Serviço ao Combate (CASC) não possui um Oficial de Operações e o Componente de Comando (CteC) possui um Oficial que acumula essa função com a de Oficial de Inteligência,

Após um pequeno hiato nas atividades do ano de 1973, reiniciamos em fevereiro de 1974 um adestramento mais intenso de Operações Anfíbias, como se depreende do quadro abaixo:

ANO DE 1974	TIPO/OPERAÇÃO	UNIDADES PARTICIPANTES	LOCALIDADES
FEV	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA GRANDE - RIO
MAR	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA GRANDE - CABO FRIO - RIO
MAR	ANFIBIEX II	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - ILHA GRANDE - RIO
ABR	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
MAI	ADEST. OPANF TRANSP. MATERIAL PARA IPQM	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - CABO FRIO - RIO
JUN	ANFIBIEX IV E VI	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - ILHA GRANDE - UBATUBA - RIO
JUL	ANFIBIEX VIII	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - CABO FRIO - RIO
AGO	ANFIBIEX IX	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
AGO	ANFIBIEX X	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
SET	ADEST. P. OPERAÇÃO DRAGÃO X	NTr Barroso Pereira NTr Soares Dutra GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA DO GOVERNADOR
SET	OPERAÇÃO PRÉ-DRAGÃO ANFIBIEX XI	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - SANTA CATARINA - RIO
OUT	OPERAÇÃO DRAGÃO X	NDCC DUQUE DE CAXIAS NDCC GARCIA D`ÁVILA NTR SOARES DUTRA NTR BARROSO PEREIRA GPTO EDVP/EDVM	RIO - STA. CATARINA - RIO
NOV	LEVANTAMENTO GRADIENTES PRAIAS	HELICÓPTEROS DO ESQD. HU-1	13 PRAIAS DO NORDESTE
DEZ	ADEST. OPANF	NDCC DUQUE DE CAXIAS	RIO - ILHA GRANDE - CABO FRIO - RIO

Prestes a completar dois anos no comando da FTM, em breve eu seria fatalmente substituído e não teria oportunidade de levantar as praias do litoral nordeste, visando futuros exercícios anfíbios.

Decidi, então, usar pela primeira vez helicópteros para auxiliar no levantamento de algumas daquelas praias.

Como co-piloto de um dos seis He do Esqd HU-1 cedidos pela Força Aeronaval, contei com a colaboração de seus pilotos, de oficiais do meu Estado-Maior e de uma equipe de Mergulhadores de Combate. Foi, então, feito o levantamento dos gradientes e condições de quatro praias na Bahia, uma em Alagoas, duas em Pernambuco, duas na Paraíba, três no Rio Grande do Norte e uma no Ceará.

A experiência adquirida, em sobrevôo daquelas treze praias, nos indicava com bastante precisão, o acerto da iniciativa de se usar helicópteros nessas missões, devido à grande facilidade que propiciavam.

Em fevereiro de 1975, com pesar, deixei o comando da FTM, sendo designado Comandante do 6º Distrito Naval (São Paulo e Mato Grosso), onde participei, ainda, da OPERAÇÃO NINFA VI em Ladário (MS) com a Marinha do Paraguai.

Em 14 de janeiro de 1976, assumi o Cargo de Comandante em Chefe da Esquadra, quando, além de uma intensa fase de exercícios operativos, tive a oportunidade de, pela primeira vez, comandar a Força-Tarefa Anfíbia combinada, a OPERAÇÃO DRAGÃO XII, nos meses de setembro e outubro de 1976. Realmente, foi a mais importante, pois novamente contei com a participação, dessa vez bem mais significativa, do Exército Brasileiro.

CIASC - V.Exa. é ex-combatente da 2ª Guerra Mundial. Qual o ensinamento colhido dessa inigualável experiência?

Alte Monnerat – Na guerra eu aprendi tudo com a Marinha. Naquela época, os fatos narrados a seguir confirmam o que acabei de declarar: aprendi tudo com a Marinha, e a Marinha, muito com a guerra.

Antes da guerra, as operações feitas pela Marinha resumiam-se praticamente ao emprego da artilharia, de torpedos e de minas e sequer havia um navio equipado com RADAR ou SONAR.

No entanto, antes mesmo do Brasil entrar na guerra, a Marinha iniciara em 1941, um serviço de patrulha no litoral nordeste e na entrada da barra do Rio de Janeiro.

Além disso, para proteger o porto, construiu uma rede metálica anti-submarinos, como a de um campo de tênis, estendida da ponta do farolete da ilha de Villegaignon até a ponta do Forte de Gragoatá, em Niterói.

Eu era 2º Tenente e estava embarcado no Encouraçado "Minas Gerais". Fui designado Imediato do NHi "Itapemirim", usado no patrulhamento interno da barra durante o dia e do controle do portão da rede metálica durante a noite.

Promovido a 1º Tenente, após a entrada do Brasil na guerra, fui designado para o Cruzador "Rio Grande do Sul", onde sucessivamente, como encarregado das Divisões de Caldeira e Eletricidade, participei das escoltas de oito comboios de navios mercantes na nossa costa, do Rio de Janeiro a Recife e de Recife ao Rio de Janeiro.

Em novembro de 1943, fui designado para cursar nos Estados Unidos, os cursos de Tática Anti-Submarino em

Key West, na Fleet Sound School; de Manutenção de Agulhas Giroscópicas, em New York, na Sperry Giroscop; e de Motores diesel, em Cleveland, na General Motors Plant.

Ao retornar ao Brasil, embarquei no Caça-Submarinos "Guajará" (Caça-Ferro), como Imediato e Encarregado do Armamento. Até o fim da guerra, nele tomei parte em patrulhas e escoltas de oito comboios de Recife a Trinidad (no Caribe) e de Trinidad a Recife.

Interinamente, comandei o CS-"Guajará" durante dois meses, sendo logo depois promovido a Capitão-Tenente, durante um dos últimos comboios que fiz.

CIASC - V.Exa. falou que participou de nove Operações Anfíbias. Houve alguma que foi marcante?

Alte Monnerat – Na realidade foram dez Operações Anfíbias (Springboard, Veritas, Dragão IX, Dragão X, NINFA IV e Dragão XII), além de 5 OpAnf (Adestramento) e 7 ANFIBIEX, todas com a participação de um ou dois NDCC.

Dentre todas destaco duas: a primeira, a VERITAS I (1968), meu batismo em Operações Anfíbias e a última, a Dragão XII (1976), minha despedida de saudosa memória.

A VERITAS I, por ser a primeira Operação Anfíbia realizada pela nossa Marinha em território estrangeiro (Porto Rico, USA), distante cerca de 7.000 milhas de nossa Base, no Rio de Janeiro.

Nela tomei parte como comandante do NTr "Soares Dutra", único navio representando a Marinha, guarnecido por pouco mais de 100 homens, transportando 6 EDVP e um contingente de 400 Fuzileiros Navais.

Todos inexperientes, sem nenhum contato prévio com a Marinha Americana, íamos participar justamente com a mais experiente Marinha do mundo, numa manobra da qual só conhecíamos o que "the book says".

Apesar de um imprevisto de última hora, decidimos enfrentar a travessia de Belém até Porto Rico com um único turbo-gerador de eletricidade (o outro "pifara" justamente na hora do navio suspender e só foi reparado em Porto Rico).

Felizmente, tudo correu bem e o nosso entendimento com os americanos foi o melhor possível. À mostra disso, foi um fato também imprevisto.

Um "Marine", após um almoço que oferecemos a bordo para um grupo de Oficiais e Praças, chegou ao Portaló, em fila com outros "marines", fardado inteiramente com o uniforme dos nossos Fuzileiros Navais, tomando-o por um dos nossos, interpelei-o: "Ei, você, aonde vai?"

A resposta foi rápida: "I beg you pardon, sir. I am American. I go home" – Diante de uma risada geral, só me ocorreu dizer: "Well, good luck", enquanto lá adiante no convés, um "Naval", com a farda completa de um "Marine" era cercado por companheiros que queriam jogá-lo na água, em comemoração ao feito da troca de uniformes.

A DRAGÃO XII merece destaque por ter sido a primeira em conjunto com o Exército Brasileiro, representado por um contingente de 169 homens da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada.

Foi realizada na costa do Espírito Santo, na região de Guarapari, na Praia do Riacho, por uma Força Tarefa Anfíbia constituída por 12 navios, sendo 3 Contra-Torpedeiros, 2 Navios de Desembarque de Carros de Combate, 1 Navio Transporte de Tropa, 1 Submarino, 2 Navios Varredores, 1 Rebocador de Alto-Mar, 1 Navio Oficina, 1 Navio de Salvamento de submarinos, 5 Helicópteros da Força Aeronaval e 15 Embarcações de Desembarque de Viaturas e Pessoal, além de Aeronaves de Observação, Reconhecimento e Ataque da FAB.

CIASC - V.Exa. comandou o NTr "Soares Dutra" e depois, já como Almirante, a FTM. O senhor considera que na sua experiência na Força, a implementação da manobra de casamento de pontões foi uma das de maior monta ou importância em relação às Operações Anfíbias?

Alte Monnerat – Naquela época sim, porque era o único meio que nos restava para fazer desembarques em praias cujo gradiente não permitia abicagem direta dos NDCC. Hoje já temos 2 Navios Docas de Desembarque e outros meios que, em parte, substituem os NDCC.

CIASC - Qual a perspectiva que o senhor tem em relação ao futuro das Operações Anfíbias?

Alte Monnerat – Não tenho dúvida que a familiarização da nossa Marinha, inclusive é claro, a do nosso Corpo de Fuzileiros Navais com as Operações Anfíbias, constitui em elemento importantíssimo, que muito concorre para o reforço do nosso Poder Naval.

CIASC - Na ótica do senhor, existe alguma experiência do passado, que deveria ser resgatada?

Alte Monnerat – Pelo conhecimento que tenho agora, dos meios disponíveis hoje e do tirocínio adquirido pela Marinha na execução de Operações Anfíbias, penso que resta apenas: "manter o rumo e aumentar as rotações".

CIASC - Existe alguma mensagem que V.Exa. gostaria de deixar para o nosso Centro de Instrução?

Alte Monnerat – Que os Fuzileiros Navais continuem se dedicando com o mesmo empenho, entusiasmo e profissionalismo invejáveis, que sempre demonstraram pela especialidade que escolheram. De minha parte, creio que participei intensamente, em período expressivo de minha carreira, do desenvolvimento dessa importante modalidade de Operações Anfíbias, aderindo totalmente ao histórico lema dos Fuzileiros Navais – "ADSUMUS", ao qual ainda me considero plenamente integrado.

SC Roberta Costa
SC Rejane Romero

Corpo de Fuzileiros Navais investe no aprimoramento da liderança

Pelo segundo ano consecutivo, o Corpo de Fuzileiros Navais vem participando de forma significativa do ***Simpósio de Liderança***, promovido anualmente pelo Centro de Instrução Almirante Alexandrino (CIAA). O evento atende à recomendação das Orientações do Comandante da Marinha (ORCOM) quanto à inserção do tema da Liderança em palestras e trabalhos de diversas organizações militares e é realizado pelo ***Projeto Comandante de Companhia***, coordenado pela SC Roberta Costa (psicóloga) e SC Rejane Romero (pedagoga), cujo objetivo é o aperfeiçoamento dos militares através de atividades de capacitação e aprimoramento da Liderança.

Em 2007, foi grande o número de inscritos do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) e em 2008, observou-se maior número de militares do 3° Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (3ºBtlInfFuzNav) e fuzileiros navais destacados em outras organizações militares. Além dos militares inscritos no evento, merece destaque a presença dos palestrantes CF (FN) José Firmeza Simões dos Reis (CGCFN) e CF (FN) Maurício Miranda Ribeiro (CEFAN), promovendo uma importante transmissão de conteúdo e troca de experiências, além do incentivo ao aprimoramento de atributos importantes para o melhor exercício da Liderança.

Participando como palestrante do evento pela segunda vez, o CF(FN) José Reis apresentou dois trabalhos: "***Liderança 360º***" e "***Avaliação de Liderança: uma experiência bem sucedida***". No primeiro, tomando como referência o trabalho de James Hunter, definiu a Liderança como a "*habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando a atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter*" e explicitou seus princípios. Em seguida, apresentou os resultados da avaliação de Liderança realizada em seu Comando no Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais, descrevendo os principais passos de sua implementação e concluindo: "*como tratava-se de um projeto pioneiro, é importante ressaltar que os questionários foram aplicados somente aos oficiais das subunidades operativas. Entretanto, verificou-se que o método pode ser aplicado a outros grupos de militares, sejam oficiais ou praças, a partir do momento que exista um grupo trabalhando junto com objetivos comuns, objetivos esses operativos ou administrativos*". Em atitude verdadeiramente nobre, encerrou sua participação indicando algumas referências bibliográficas e sorteou dois de seus livros pessoais entre os participantes. Suas palestras foram extremamente elogiadas, resumidas na avaliação de um dos participantes da seguinte forma: "*Bravo Zulu! Queremos ele de novo no IV Simpósio*".

Com a palestra "***TFM: Valorizando a Vida na MB***", o CF (FN) Miranda expôs a importância do Treinamento Físico Militar e da disciplina com a saúde pessoal e profissional, enfatizando a responsabilidade dos comandantes de companhia, enquanto líderes, em incentivar a prática de exercícios físicos e hábitos saudáveis de vida, bem como mostrarem-se exemplos de práticas saudáveis e bom condicionamento. Além disso, apresentou inovadores projetos para o CEFAN, que tendem a torná-lo um grande centro poliesportivo de referência para a Marinha. Os participantes apresentaram várias sugestões para a melhoria da prática de atividade física na MB e julgaram a inserção desse tema no evento como uma valiosa iniciativa. Em suas avaliações, sugeriram que o CF(FN) Miranda fizesse um trabalho de atualização das legislações existentes sobre atividade física na Marinha, enfatizando seu conhecimento, conforme registrado em uma das avaliações: "*Foi ótima a idéia de apresentar uma palestra sobre TFM! O Comandante Miranda é um líder e motivou todos com relação à saúde, dentro e fora da Marinha*".

Constata-se assim a credibilidade e importância que o Corpo de Fuzileiros Navais vem mostrando com relação à questão da Liderança, através de sua participação ativa, maciça e bem avaliada em eventos promovidos atinentes ao tema, o que certamente engrandece e valoriza sua responsabilidade com a carreira militar naval.

Participantes do Simpósio de Liderança 2008

Simpósio de Liderança – 2007. Entrega do livro em sorteio pelo Vice-Almirante LEAL FERREIRA, na época Comandante do CIAA